

resenha

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves**. São Leopoldo: Oikos, 2009 (223p.)

A Teologia de Rubem Alves

Antonio Ozaí da Silva*



A obra “*Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*”, escrita por Iuri Andréas Reblin, resulta do mestrado realizado pelo autor na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (RS).¹ O professor Zwínglio Mota Dias², que a prefaciou, sintetiza o significado e importância:

“Este livro, fruto de uma minuciosa, diligente e longa pesquisa, que azeitou com a paixão a aridez da reflexão metodológica (é uma pesquisa *parti pris*, sim!), tem o mérito de desafiar a situação de apatia e imobilismo que caracteriza a realidade institucional de nossas instituições eclesiais ao propor uma valiosa e inédita apresentação da releitura teológica do itinerário da vida arquitetada por Rubem Alves para além dos antigos e cristalizados conceitos de nossa herança cristã-ocidental” (REBLIN, 2009: 18).

¹ Orientado pela Profª. Drª. Adriane Luísa Rodolpho. Iuri Andréas Reblin é doutorando, pela mesma instituição; também publicou “Para o Alto e Avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis” (Porto Alegre: Asterisco, 2008) e co-organizou os livros “Uma Religião chamada Brasil” e “A Teologia Contemporânea na América Latina”, ambas publicadas pela Editora Oikos.

² Zwínglio Mota Dias é Doutor em Teologia pela Universität Hamburg, Alemanha (1978) e Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

Sou leigo. Minha leitura se pautou pela curiosidade do aprendiz e o desejo de compreender as questões que envolvem a Teologia. Escrevo enquanto o céptico que duvida das certezas da religião, mas tenta compreendê-la.³ Concordo, porém, com as palavras do professor Zwínglio.

Conheço a obra de Rubem Alves como educador. Admiro o seu estilo simples, cativante e poético e simpatizo com muito dos seus escritos sobre a educação. Não conhecia, porém, o lado religioso deste autor, nem sua teologia. Chego ao Rubem Alves teólogo, estimulado pelo educador que conheci nos artigos e um ou outro livro que tive o prazer de ler. Iuri ofereceu-me a oportunidade de conhecer um pouco mais a obra deste autor e, de certa forma, fez o papel do guia que mostra o caminho ao neófito.

Segundo o autor, o objetivo geral da pesquisa consiste em “compreender a crítica que Rubem Alves dirige à instituição teológica e as possibilidades que ele fornece para o fazer teológico no Brasil” (p.20). Para tanto, ele percorreu um longo caminho, inclusive enfrentando resistências no campo acadêmico ao se voltar para uma teologia do cotidiano. Este aspecto foi bem observado pelo professor Zwínglio:

³ Sugiro a leitura de [Reflexões de um céptico sobre as certezas religiosas e laicas](#) e [Credo quia absurdum \(Creio porque é absurdo\)](#), publicados no blog: <http://antoniozai.wordpress.com>

“...é no epílogo que o autor revela a que veio. Está interessado em explorar as possibilidades da arquitetura de uma teologia do cotidiano, capaz de fazer sentido para a vida das pessoas, porque nasce a partir de suas experiências de vida, seguindo as pistas abertas pela reflexão desenvolvida por Rubens Alves” (p.16).

Uma teologia liberta da prisão dos templos e do saber institucionalizado; uma teologia ligada à materialidade do corpo e, portanto, às necessidades deste; que reconhece o saber e o sentir do homem e da mulher comuns; uma teologia que faz sentido no cotidiano. No diálogo que o autor estabelece com o seu “objeto”, a teologia emerge como algo inteligível ao leigo, pois diz respeito às questões simples, mas essenciais da vida e que envolve os aspectos fundamentais da condição humana.

A exposição de Reblin se inicia pelas considerações biográficas sobre Rubem Alves. Com efeito, o pensamento teológico não aparece pronto, mas é resultante da sua caminhada, das suas experiências de vida. Como escreve o autor, a teologia de Rubem Alves “se constitui à medida que sua biografia se relaciona com a história e vai, num processo de conversação, constituindo horizontes para os quais o autor mineiro dirige seu caminhar” (p.21). A necessidade desta reflexão resultou no prólogo do livro.

A partir daí, a obra se estrutura em três capítulos. No primeiro, o autor expõe a crítica de Rubem Alves “à teologia enquanto ciência do divino e à instituição religiosa como detentora de poder sobre o saber teológico” (p.21). Neste capítulo, dois aspectos centrais direcionam sua análise: 1) se a Teologia tem o *status* de ciência (ciência do divino); e, 2) quais as implicações da

institucionalização da teologia, consequência da institucionalização da religião, para a própria teologia. Segundo ele:

“A partir do pensamento de Rubem Alves, pode-se chegar à constatação de que a teologia enquanto ciência (e mesmo enquanto ciência do divino) é uma ilusão. O ser humano é incapaz de alcançar o conhecimento do absoluto. Em consequência, a institucionalização da teologia se torna uma desilusão, ou seja, ela provoca um sentimento de decepção devido à sedimentação e ao aprisionamento das experiências religiosas e à abstenção da liberdade do indivíduo” (p.54).

A verificação destas questões passa pela análise das relações entre a ciência e teologia, e a prevalência do discurso científico sobre o religioso. Discute-se se a teologia é ciência. Por outro lado, ao institucionalizar-se a teologia passa a definir a teologia, ou seja, configura-se um campo de especialistas, aos quais cabe a discussão e definição sobre o que é teologia. Na medida em que determinados conceitos sobre o que é teologia se impõem, fecham-se os espaços para outras formas de concebê-la.

A teologia institucionalizada se pretende a voz autorizada para falar sobre o sagrado; no limite, os teólogos vêem-se como intérpretes e portas-vozes de Deus:

“Esse é o equívoco da instituição religiosa: atribuir onipotência às palavras que ela profere sobre Deus. (...) Essa atitude concede aos teólogos a autoridade sobre as pessoas que não estudaram teologia. A favor de uma “doutrina correta”, os teólogos se tornam fortes e fazem da verdade e da ciência da verdade sobre Deus o troféu da vitória” (p.88).

Iuri Andréas Reblin, concluindo este capítulo, escreve:

“Essa é a ilusão e desilusão da teologia: a teologia não pode ser ciência no sentido corrente do termo e respeitar os critérios de objetividade e verificabilidade. Isso também significa que a teologia não pode ser legitimada exclusivamente pela instituição religiosa ou ainda pela academia de teologia” (p.90).

Ele acredita, porém, que há salvação para a teologia:

“A beleza da teologia e o respeito pelos teólogos podem ser recuperados quando as pessoas puderem ver que os teólogos têm os pés nos chão e que eles “andam pelos caminhos comuns da existência”, que a teologia não é ciência divina, mas saber humano, que tem a ver com a existência humana e sua relação com as situações de vida e morte que a circunda” (p.90)

Teólogos são indivíduos de carne e osso, com os pés no chão, e não seres alados.

Se o primeiro capítulo foi elaborado em torno de uma teologia contraposta ao pensamento teológico de Rubem Alves, no segundo Reblin apresenta os alicerces que fundamentam a teologia deste:

“a centralidade do copo; a sociedade e a cultura como criações humanas atreladas à necessidade de sobrevivência e como resultados da busca por uma ordem de amor e concretização dos desejos; o papel da imaginação e da linguagem na criação e manutenção dos universos de sentido e a teia simbólica da religião” (p.21).

Em Rubem Alves temos um pensamento teológico diferente do que comumente entende-se por Teologia. Os “seres alados” descem à terra e

assumem a condição humana – “dançarinos”, diria Rubem Alves. Em vez de seres celestiais, temos o homem e a mulher em sua materialidade corporal; o corpo torna-se o centro e princípio da teologia e esta é concebida como resultante e em função da existência.

O corpo existencial pressupõe alegrias e sofrimentos, angústias, linguagem, desejos, sexualidade, imaginação, etc. O corpo torna-se a morada do divino, a forma pela qual se traduz, em palavras e atitudes, a religiosidade. “A apresentação da realidade e da experiência do sagrado é realizada a partir do corpo humano, pelo corpo humano e com o corpo humano”, afirma Reblin (p.99). Deus é concebido a partir do humano.

É a partir do corpo que o ser humano desenvolve a capacidade de imaginar, de criar símbolos e *outros* mundos. A imaginação constrói utopias, religiosas e laicas. Para além das questões práticas, o ser humano precisa dar sentido à vida. Os símbolos são uma forma de suprir esta necessidade de humanizar o mundo. “É nisto que consiste a imaginação: na recusa a aceitar o mundo como um fato dado e, mediante essa recusa, na fecundação de um mundo totalmente novo”, escreve Reblin (p.109).

A imaginação humana produz símbolos, gera deuses. O mundo de significados criado pelo desejo e a imaginação é estruturado e mediado pela linguagem. Este é outro elemento fundamental do pensamento teológico de Rubem Alves. Desses aspectos, emerge uma concepção de religião enquanto uma “teia de símbolos, sentidos, esperanças e desejos” (p.118).

No último capítulo, o autor se debruça sobre as peculiaridades do pensamento

teológico de Rubem Alves, tomando como base os textos em que a teologia se destaca: *Do Paraíso ao Deserto: reflexões autobiográficas* (1974), *Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia* (1981) e *Sobre deuses e caquis* (1987). O epílogo apresentado pelo autor revela-se fundamental para compreensão dos dilemas e perspectivas da teologia, especialmente para uma teologia do cotidiano.

Em todos os capítulos, há temas que merecem destaque. Contudo, isto não é possível dado o escopo deste texto. Por

outro lado, cada leitor, a partir da sua experiência singular, estabelece parâmetros de diálogo e interpretação da obra lida. Dessa forma, o melhor mesmo é ler “*Outros cheiros, outros sabores...*” na íntegra. Fica a sugestão!

A leitura de “*Outros cheiros, outros sabores...*” me ajudou a compreender melhor os porquês da religião e das manifestações de religiosidade. Foi uma daquelas leituras que acrescentaram algo. Parafraseando as palavras da sua orientadora, “o ‘sabor’ de aprender é um dos méritos do texto de Iuri” (p.221).



* **ANTONIO OZAI DA SILVA** é docente do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá. Blog: <http://antoniozai.wordpress.com> Email: aosilva@uem.br